



A VARIAÇÃO DA SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA FALA POPULAR – UMA PROPOSTA SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLÓGICA PARA DEMARCAR A LÍNGUA EM USO

Ivanilde da Silva (USP)¹
ivabsilva2003@yahoo.com.br

RESUMO: Sob a perspectiva teórico-metodológica da Sociolinguística e de noções da Dialetologia, tradicional e recente, o objetivo deste artigo é mostrar a variação da segunda pessoa do singular (P2) no Português Brasileiro Popular (PBPOP) falado em entrevistas Sociolinguísticas Semidirigidas (ESSDs) em três áreas distintas da cidade de São José dos Campos –SP (área central/popular, área nobre e área mista). Desse modo, este trabalho lança uma iniciativa em demarcar o espaço físico e falantes que emitem as variantes em questão, evidenciando que no padrão linguístico do PBPOP o uso de formas velhas e novas (P2) é regular. O fenômeno investigado abrange as funções de sujeito, objeto e possessivo (2ª pessoa do singular – P2). A descrição dessas formas pronominais em variação revela que falantes, oriundos ou não da cidade de São José dos Campos-SP (SJC-SP), privilegiam o uso da forma nova VOCÊ/sujeito, VOCÊ com o uso de preposição. Ao mesmo tempo, esses falantes retêm a forma velha TE nas funções acusativa e dativa, e variam o uso do possessivo TEU/A(S)~SEU/A(S).

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística e Dialetologia, variação, proposta de mapeamento

ABSTRACT: The aim of this article is to show the variation of the second person singular (P2) in Brazilian Popular Portuguese (PBPOP), spoken in Semi-structured Sociolinguistic Interviews, in the theoretical-methodological perspective of Sociolinguistics and traditional and recent notions of Dialectology. Three distinct areas of the city of São José dos Campos -SP (central/popular area, prime area and mixed area). In this way, this work launches an initiative in demarcating the physical space and speakers that emit the variants in question, evidencing that in the PBPOP linguistic standard the use of old and new forms (P2) is regular. The phenomenon investigated covers the functions of subject, object and possessive (2nd person singular - P2). The description of these pronominal forms in variation reveals that speakers, whether or not they come from the city of São José dos Campos-SP (SJC-SP), prefer to use the new VOCÊ/subject, VOCÊ with the use of preposition. At the same time, these speakers retain the old TE form in the accusative and dative functions, and vary the use of the possessive of TEU/A(S)~SEU/A(S).

KEYWORDS: Sociolinguistics and Dialectology, variation, mapping proposal

1. INTRODUÇÃO

Com base no meu trabalho de doutoramento de 2015, este artigo foi construído sob os prismas teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Dialetologia

¹ Recém doutora (USP – Programa de Filologia e Língua Portuguesa), defesa em 30 de setembro de 2015. Email: ivabsilva2003@yahoo.com.br.

Pluridimensional. Este trabalho trata da variação pronominal existente na segunda pessoa do singular (P2). As formas das séries **VOCÊ** e **TU** formaram dois conjuntos variáveis compostos por: a) você/sujeito, você e pra você/complementos (acusativo e dativo) e possessivos determinantes seu/a e b) tu/sujeito, te/complemento (direto e indireto respectivamente) e possessivos teu/a. Os exemplos a seguir exibem o fenômeno aqui estudado:

- (1) **FAL 1**² – eu tenho filho ... eu fui lá na assistente social, ela vê, se **VOCÊ** não tem condições, elas **TE** dão passe, sabe? Elas fazem certidão ... então quer dizer elas **TE** acompanham nas coisa ... até mesmo na questão de justiça ... se **VOCÊ** precisar pra essas questões ela me acompanhou, foi no fórum ... resolveu o que tinha que resolver pra mim. “ahhh, **VOCÊ** não pode porque **VOCÊ** tem esse BO”. Automaticamente ela mudou todo o processo ... [...] (Amostra Locais Alternativos [-formal])
- (2) **FAL 1 – TU** tem quantos?
FAL 2 – eu tenho quatro, mais a neta. [...] ahh eu brigo muito com a minha filha, nós duas, nós duas é ... a gente é muito ... eu tenho amor por ela ... tem ciúme dos irmão [...] (Amostra Locais Alternativos [- formal]. Duas mulheres, Falante 1, faixa etária intermediária. Falante 2, faixa etária mais jovem. Ensino Fundamental incompleto e Ensino Médio incompleto respectivamente).
- (3) **FAL 1** – eu vou **TE** falar a verdade. O meu lazer é trabalhar o jeito qui eu trabalho, fazê us meu biquinho diário i nas horas vagas qui eu não tenho o qui fazer, tocá a minha sanfona (Amostra Locais Alternativos, [- formal]. Homem, faixa etária mais velha. Ensino Fundamental completo).
- (4) **DOC** – mas si eu compro um lote como é qui eu divido a casa?
FAL 1 – VOCÊ compra um lote, esse terreno é **SEU**, né?
(Amostra Locais Alternativos [-formal]. Homem. Faixa etária mais velha. Ensino Fundamental completo).
- (5) **FAL 1** – cada lugar que **VOCÊ** vai parando “óhhh tá aqui **A TUA** passagem”.
FAL 2 – primeiro elis **TE** levam pra delegacia pra ver se **VOCÊ** não tá corrido ... vagabundo ... (Amostra Locais Alternativos [-formal]. Dois homens. Faixa etária mais jovem. Ensino Médio incompleto).

Esses excertos de fala representam a variação das formas da segunda pessoa do singular existentes na cidade de São José dos Campos – SP (SJC-SP). As Entrevistas Sociolinguísticas SemiDirigidas (ESSDs) foram colhidas a partir da abordagem de *um, dois, três* ou *quatro* entrevistados em três espaços distintos da urbe: *área central/popular, área nobre* e *área mista*. Essa divisão em áreas da cidade SJC-SP juntamente com o

² Para a descrição das falas utilizei abreviações como **DOC** – corresponde à fala da documentadora e outras abreviações como **FAL1, FAL2, FAL3, FAL4** correspondentes à fala dos entrevistados (falante 1, falante 2, falante 3, falante 4) conforme visto nos excertos de fala expostos no corpo deste trabalho. Outros aspectos discursivos como pausa, alongamento de sílabas não foram considerados pelo fato de essa pesquisa não ter o objetivo de observar essas propriedades conversacionais estudadas pela Análise da Conversação.



número assimétrico de interactantes são iniciativas para propor um mapeamento do fenômeno em questão, levando em consideração, além do plano físico no qual variantes de segunda pessoa do singular ocorrem, dimensões diastráticas, diafásicas, diageracionais, diagenéricas, diarreferenciais conforme orienta a Dialetologia Pluridimensional.

A língua em uso em determinada Comunidade de Fala foi estudada por Labov ([1972] 2008). Esse autor estudou a língua no meio social para observar a língua em fontes diretas de sua produção, pois não a concebia separada do contexto social. Para obter estudos linguísticos em realidade quantitativa, Labov propôs a sistematização de variantes linguísticas para serem quantificadas e tratadas por análises quantitativas e qualitativas. Assim, essa metodologia variacionista permitiu analisar efeitos de condicionadores (extra)linguísticos que podem ou não influenciar o uso de variantes na língua de determinada Comunidade de Fala, apontando comportamentos linguísticos distintos ou não de determinados grupos sociais.

Sob esses prismas, este artigo apresenta rapidamente a introdução do estudo em questão. Além disso, na segunda parte abordarei pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Dialetologia, na terceira parte a língua em uso e a descrição do fenômeno da variação da segunda pessoa do singular (P2) será abordada. Na quarta parte apresentarei iniciativas de como demarcar áreas sociais e linguísticas em uma cidade, e, desse modo, mapeamentos sociolinguísticos podem ser aprimorados no sentido de abranger informações do cotidiano real e em constante movimento dos falantes. Para isso, a variação pronominal P2 foi observada em ESSDs com *mais de dois interactantes*, realizadas em diferentes pontos da cidade de SJC-SP. Essas iniciativas contribuem significativamente para o aprimoramento de coletas de fatos linguísticos relativos à segunda pessoa do singular (P2), já que são dados difíceis de serem colhidos justamente porque o uso dessas formas envolve o tratamento do interlocutor, demandando estratégias para que esses itens linguísticos sejam emitidos por falantes reunidos em cenas interlocutivas junto de uma documentadora. A seguir há a conclusão e as referências.



2. PRESSUPOSTOS TÉORICO-METODOLÓGICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

A Sociolinguística Laboviana estabelece os seguintes princípios para que o estudo da estrutura linguística se desenvolva. A língua é variável e heterogênea; os usuários de uma determinada língua são afetados por padrões socioculturais e sociocomportamentais; a mudança linguística é lenta, contínua e gradual; toda experiência humana ocorre através de aprendizagens que se acumulam e, por isso, a língua é social, situada e histórica. Sob este prisma, uma cidade, geralmente, é anterior aos falantes que nela habitam (MORENO FERNÁNDEZ, 2012), por essa razão, padrões linguísticos em uso podem exibir moldes homogêneos porque o comportamento linguístico de determinada localidade segue o mesmo padrão por gerações de falantes (LABOV, [1972] 2008) até que falantes sejam afetados por novos usos, mudando, aos poucos, o sistema. Desse modo, fatores linguísticos e sociais (variáveis independentes)³ tendem a motivar a variação (variável dependente) e mudanças na língua em determinada Comunidade de Fala (CF).

Para Labov, em linhas gerais, mensurar as mesmas normas e atitudes linguísticas de um dado grupo social, juízos de valor, foram estratégias metodológicas utilizadas pelo autor com o objetivo maior de compreender variação, prever rotas de mudança linguística e mapear identidade social compartilhada ou não por certos grupos de falantes. Esse olhar sociolinguístico confrontou princípios e métodos largamente difundidos pela corrente teórica estruturalista que concebe a língua como uma estrutura homogênea, não considerando o falante e fatos sociais. Princípios também adotados pela corrente teórica gerativista. Já as abordagens da Sociolinguística Cognitiva, defendidas por MORENO FERNÁNDEZ (2012) e LABOV (2010), reúnem pressupostos sociolinguísticos e cognitivos junto da quantificação de dados linguísticos em uso para a compreensão de realidades distintas em uso.

³ A variável dependente é o conjunto de itens em variação: tu e você. No caso deste trabalho a variável dependente é constituída das séries tu (tu, te, ti, contigo, teu/a(s)) e você (você, você acusativo, você dativo e preposicionado seu/a(s)).



Um dos desafios para o estudioso interessado na variação linguística será demarcar o espaço físico e sociocultural dos fenômenos em variação. Outros desafios serão mensurar os itens em variação através da sistematização dos fatos linguísticos e os aspectos relacionados ao sociocultural. Essa mensuração será feita através de informações obtidas nas entrevistas sociolinguísticas e em questionários respondidos pelos partícipes da pesquisa em andamento. O espaço físico é o recorte geográfico feito pelo pesquisador que objetiva verificar e tentar demarcar o comportamento linguístico em determinada localidade/cidade/região.

Nesse sentido, sob um viés histórico, a Dialetologia especificamente interessou-se em marcar espaços físicos em atlas como ocorreu na Europa quando estudiosos elaboraram o *Atlas Linguarum Europae* (ALE)⁴ documentando línguas faladas por todo território europeu. Assim, ao demarcarem dialetos por região (visão micro), houve a noção do macro e estudiosos lançaram atlas linguísticos nacionais, documentando famílias de línguas e comparações. Com a publicação do *Atlas Linguistique de la France* (1902-1910) houve a consolidação dos estudos linguísticos dialetológicos que visavam estritamente estudar a variação linguística pelo viés diatópico (CARDOSO E MOTA, 2006). Entretanto, a Geografia Linguística avança ao estudar os espaços linguísticos ao dar importância também a outros aspectos da linguagem humana. Desse modo, no decorrer da década de 1960, sob a influência dos estudos de William Labov, a Dialetologia começa a trabalhar “sistematicamente com o significado e a repercussão das variáveis sociais sobre os usos de cada falante, introduzindo o tratamento dos dados numa perspectiva pluridimensional” (CARDOSO E MOTA, 2006, 86), isto é, juntam-se às informações dos espaços físicos (diatópicos), dados diagenéricos, diageracionais, diastráticos, diafásicos, diarreferenciais (LIMA-PADOVANI E SANCHES, 2016), evidenciando o caráter interdisciplinar da Dialetologia e Sociolinguística que instrumentalizam o ensino da Língua Materna no que se refere às variedades faladas por estudantes e demais brasileiros, além de tornar mais conscientes outros usos sociais

⁴ <http://www.clul.ul.pt/pt/recursos/209-atlas-of-the-european-languages-ale>. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.



como o dialeto padrão, a língua literária (CARDOSO E MOTA, 2006) e a língua escrita em diferentes gêneros do discurso.

Com a padronização de métodos de investigação no que tange a dados falados, houve um aprimoramento na coleta de fatos linguísticos e posterior comparação entre diferentes espaços físico-sociais, ou seja, houve uma melhor delimitação de fronteiras da variação existente em determinado território. Logo, categorizou-se o falante por não ser mais suficiente só demarcar o local que tal dialeto é falado (onde), mas o usuário da língua (o indivíduo/o falante) e por que ele fala de determinado modo. “Onde, quem e por que são três níveis de informação buscados pela Dialectologia [...] (CARDOSO E MOTA, 2006, 86), pois, como explicam as autoras citadas, há diferenças entre linguajares de um espaço físico para o outro mesmo que o PB seja única língua falada no território brasileiro. Assim, o comportamento do falante diante de possibilidades de utilizar a língua explica a pluralidade de variantes que convivem na língua falada dos brasileiros. A exemplo dessa variedade linguística está no Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) variantes morfossintáticas como *tu fez e tu fizeste(s)*, *ocê (o/a) senhor/a fez, Ø fez, vocês, os (as) senhores/as fizeram*. Outras construções combinadas com *teu/seu, de você(s), do(s) senhor(es), da(s) senhor(as)* também são frequentes no Sul (CARDOSO E MOTA, 2006)⁵.

Para se identificar exatamente o local no qual determinadas variantes ocorrem, há que se elaborar um método de observação da realidade linguística com o objetivo de compreender como e por que falantes preferem utilizar certa escolha linguística e não outra. Labov estudou grupos étnicos na ilha de *Martha's Vineyard* (1963) e inaugura procedimentos metodológicos para sistematizar a heterogeneidade na língua desse local. O pesquisador estratifica os falantes em níveis socioeconômicos, educacionais e etária, ocupação, diferenças étnicas, juízos de valor e avaliação do falante diante de variantes

⁵ Cardoso e Mota (2006, 97) fazem referência ao Projeto Atlas Linguístico Brasileiro (ALIB) composto por 16 instituições brasileiras, já no artigo publicado na Revista Alfa (2012, 858), há dez instituições citadas. Este projeto como proposta geral tem o objetivo de mapear os falares brasileiros tanto no plano diatópico como em dimensões diagenérica, diageracional, diastrática, diafásica integrando diversos tipos de questionários que abrangem níveis fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático. Além disso, prevê discursos livres sobre temas sugeridos aos informantes: momentos marcantes de sua vida, profissão, um fato ocorrido com outros, descrição de gravuras e leitura de um texto (CARDOSO E MOTA, 2006, 98).



utilizadas na ilha. Além disso, lança o conceito de comunidade de fala: “esse mesmo indivíduo somado a vários outros do mesmo grupo social compartilharia as mesmas normas e atitudes sociais” (SILVA, 2015, 87). Em outras palavras, o autor conclui que os fatores sociais impulsionam mudanças linguísticas para que haja equilíbrio ou estabilidade do sistema em usos (LABOV, 2010).

Sob esse mesmo enfoque, Labov estuda as pronúncias do /r/ na cidade de Nova York (1966). O autor percebeu que pessoas mais velhas pronunciavam o /r/ pós-vocálico (*floor*) de modo aspirado, marcando negativamente esse uso. Os mais jovens, no entanto, tinham a tendência contrária, isto é, eles pronunciavam o /r/ de modo retroflexo, marcando positivamente esse uso sonoro. Esses usos marcaram a diversidade linguística entre os subgrupos humanos estudados pelo autor. Os grupos de jovens *versus* mais velhos marcavam comportamentos distintos que, por sua vez, determinavam o compartilhamento comum de normas linguísticas distintas, mostrando quem pertencia a determinado grupo e quem pertencia a outro. Noção que trabalha com o encaixamento de Comunidades de Fala dentro da outra conforme Guy (2001) ao reconhecer fronteiras, frequência de contatos e extensão ou noção radial de usos que dada variedade linguística alcança. Exatamente noções que são trabalhadas pela Dialetologia, principalmente, pela Dialetologia Pluridimensional. Movimento interdisciplinar que objetiva justamente inserir dimensões sociais, linguísticas e pragmáticas, além de determinar estritamente o espaço geográfico de determinado dialeto (LIMA-PADOVANI E SANCHES, 2016).

Com este mesmo intuito da Dialetologia Pluridimensional associada aos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Laboviana é que este artigo foi elaborado, justamente por objetivar mostrar a variação da segunda pessoa do singular (P2) em entrevistas ESSDs e (ii) propor iniciativas para mapear o uso dessas formas variantes em espaços físicos situados em São José dos Campos (SJC-SP), divididos nas áreas: central/popular, nobre e mista da cidade.

3. A LÍNGUA EM USO – DESCRIÇÃO DO FENÔMENO DA SEGUNDA PESSOA SINGULAR (P2)

A cidade de SJC-SP localiza-se aproximadamente a 92km da capital São Paulo (SP) e tem como fronteira e proximidades cidades do sul do estado de Minas Gerais (MG). Por isso, o linguajar da população local lembra, muitas vezes, o dialeto mineiro com o uso do /r/ retroflexo, redução de palavras como “cê, ocê, psê”, “corgo” (córrego), “pfeitura” (prefeitura) etc. O uso de “muié” (mulher), “uzome” (os homens), “us mulequi” entre outros como “a perca” (a perda), “probrema seus” (seus problemas), “leva eu”, “falei prucê” etc. No caso específico desse estudo, as variantes em observação foram as formas **tu** (tu, te, teu/a) e as formas relativas ao **você** (você/sujeito, você acusativo, você dativo, seu/a), respectivamente nas funções de sujeito, objeto acusativo e dativo, possessivos como já mencionei. Como construções do tipo “fui com você”, “falei pra você” etc. são fatos categóricos na cidade de SJC-SP, elas não fizeram parte do inventário de variação, bem como “falei contigo”, “quero entregar pra ti” etc. (são construções do paradigma pronominal P2 antigo inexistentes na cidade em questão).

Em se tratando do uso da segunda pessoa do singular (P2), mesmo em falantes de regiões nordestinas⁶, conhecidas pelo uso do pronome **TU**, a preferência geral é pela forma **VOCÊ** nas funções de sujeito (você foi lá, cê viu a Maria?). Nas funções acusativas e dativas retenção do **TE** é regular, mas varia com a forma **VOCÊ**. Os excertos de fala a seguir exibem o uso de formas relacionadas às séries **VOCÊ** e **TU**:

(01) **FAL 1** – eu tenho filho ... eu fui lá na assistente social, ela vê se **VOCÊ** não tem condições, elas **TE** dão passe, sabe? Elas fazem certidão ... então quer dizer elas **TE** acompanham nas coisa ... até mesmo na questão de justiça ... se **VOCÊ** precisar pra essas questões ela me acompanhou, foi no fórum ... [...] “Ahhh, **VOCÊ** não pode porque **VOCÊ** tem esse BO”. Automaticamente ela mudou todo o processo ... [...]

FAL 2 – **VOCÊ** vai achar, **VOCÊ** tá procurando no lugar certo. Aqui o lugar é bão é a rua ... tem lugar na cidade que **VOCÊ** vai procurar **CÊ** não ganha, aqui **VOCÊ** ganha. Elis dão roupa, tem lugar **PRA VOCÊ** tomá banho. Então a gente pensa que não dão, mas dão.

[...]

FAL 1 - Então **VOCÊ** era vendido como moeda, como coisa, que se **VOCÊ** fugisse, **VOCÊ** ... os cangaceiro ia atrás de você, **VOCÊ** tinha que voltar, não existia liberdade

⁶ Falantes oriundos de outras regiões como Nordeste, Norte, Sul, Centro-Oeste brasileiras foram entrevistados somente se o falante morasse na cidade há mais de cinco anos.



pra você. Só se **VOCÊ** tivesse um dono e ele assim: “ohhh, vou **TE** dar **A SUA** liberdade hoje, hoje **VOCÊ** pode viver da forma que **VOCÊ** quiser”. E muita das vezes não ser assim ainda, muitas das vezes era sequestrado pra trabalhar em lavoura né ... (Dois homens. Faixa etária mais jovem. Amostra Locais Alternativos [-formal]. Ensino Médio incompleto).

(02) **FA12**– anu passado nós fomu num churrascu lá nooo Eugênio de Melo lá ... eu vou atrás qui eu num sei ondi é não. I na minha frenti foi a nossa chefe. I nenhuma saída ela deu seta ... quando eu cheguei lá eu falei: “Célia, **SEU** carro num tem seta, não?” “por que?” “De lá aqui **CÊ** entrô em cruzamento i **VOCÊ** num deu seta, **VOCÊ** num usa seta?” “ahhh nem lembro qui existe” (risos). (Homem. Faixa etária mais velha. Amostra Locais Alternativos [-formal]. Ensino Fundamental completo).

(03) **DOC** – Tudo bem? Vocês sentem que a cidade oferece boas condições de transporte público, por exemplo?

FAL 1- o que **TU** acha? (falante olha para a amiga) (Mulher. Faixa etária intermediária. Amostra Locais Alternativos [-formal]. Ensino Fundamental incompleto).

Os excertos de fala acima exibem a produção de pronomes relacionados à segunda pessoa do singular. O excerto (1) mostra combinações associadas às séries **VOCÊ** e **TU**. Assim, **você/sujeito** com **teu/a** parecem ser naturais na fala desses entrevistados. Em contrapartida, em outros excertos de fala, há somente o uso de formas da série **VOCÊ** cuja combinação foi **você** com **seu**. O uso de variantes ou formas categóricas reflete as escolhas linguísticas do falante conforme situações e exigências vividas por ele durante seu cotidiano. Isto quer dizer que ora há falantes que variam as formas pronominais ora há falantes que utilizam de modo categórico uma das variantes, no caso a variante escolhida é **VOCÊ** porque ela faz parte da sua realidade social e traduz o modo como esse falante enxerga, percebe e interpreta as situações nas quais vive. No excerto (03), o falante utilizou o pronome **tu**, uma das raras exceções em que esse pronome foi utilizado na função de sujeito. Todos os falantes utilizaram, na maioria das falas, o pronome **você/sujeito** para tratamento do interlocutor, mesmo que o interlocutor fosse de outra parte do país como Maranhão-MA, estado falante de **TU** (CARDOSO E MOTA, 2012, 868).

Esses excertos de fala foram coletados na cidade de SJC-SP a partir de ESSDs nas quais falantes populares foram motivados a falar de suas ideias sobre economia, trabalho e renda, escola, filhos, transporte coletivo, qualidade de vida etc. Em relação ao



fenômeno estudado, combinações das séries dos pronomes **tu** e **você** (sujeito, objeto e possessivo) também podem ser observados em outros gêneros discursivos como apontam os exemplos abaixo:

(4) “[...]Quero ser **SUA** metade
A **SUA** felicidade
Sou **O SEU** amanhecer [...]
Estou contando as horas
Pra gente se ver
Quando **VOCÊ** chegar eu quero **TE** dizer
Pega **EU** e leva **PRA VOCÊ**⁷

O uso do complemento **te** combinado com **você**/sujeito e **você**/objetivo é uso comum em músicas. No excerto da canção “Amor *I love you*”, cantada por Marisa Monte⁸: “... deixa eu dizer que **TE** amo, deixa eu pensar **EM VOCÊ** [...] deixa eu dizer que **TE** amo, deixa eu gostar **DE VOCÊ**”. Há harmonia musical provocada pelo uso de repetições, os versos mostram combinações entre **você** (“pensar **em você**”; “gostar **de você**”) junto do verbo transitivo direto amar cuja forma escolhida foi **te** [OV].

Essas combinações⁹ entre formas das séries **TU** e **VOCÊ** são frequentes no PB inclusive em textos publicitários como mostro a seguir:


⁷ Música cantada por Leonardo, cantor sertanejo. Título: “Pega eu e leva pra você”. Extraído do sítio <http://musica.com.br/artistas/leonardo/m/pega-eu-e-leva-pra-voce/letra.html>

⁸ Canção: Amor *I love you* (Marisa Monte e Carlinhos Brown)

⁹ Os termos “mesclativo”, “formas mesclativas”, “pronomes mesclativos” ou “mescla”, “mescla pronominal” têm base na discussão de Lopes e Cavalcante (2011) que trata de *mesclas treatmentais* (usos de **tu**, **tu** e **você** e somente **você**).

(5):

Intensidade do treino



Você termina seu treino assim?

Se sua resposta foi sim, ótimo! Seu resultado com certeza será muito bom. De acordo com estudos da Medicina do Esporte, exercícios intensos, como os de circuito, trazem melhores resultados para o seu corpo, perda de peso e para perder aquela “velha barriguinha” que não te deixa em paz! Portanto, lembre-se sempre, suar é sinal de exaustão e exaustão significa resultados!!!

Curves

Nessa propaganda, exposta em uma academia de ginástica para mulheres (SJC-SP), o escritor/autor utilizou o pronome **você**/sujeito, formas possessivas determinantes (**seu/sua**) e o acusativo **te**, evidenciando *o modelo pronominal em uso* ou *os padrões pronominais em uso* dessa Comunidade de Fala. Assim construções com **você**/sujeito mais **te**/objeto associados aos possessivos determinantes **seu/a** são itens dos paradigmas antigo e novo que atuam juntos formando um paradigma de formas “mistas”: “você com te com seu/a).

No PBPOP falado de SJC-SP, é bem possível que um novo paradigma pronominal de segunda pessoa do singular se instale com o passar dos tempos cujas formas serão exclusivas do pronome **VOCÊ**. Os possessivos “**de você**” e “**de vocês**” não são usuais nessas terras do Vale do Paraíba, pois o uso preferencial na língua popular é o possessivo **SEU/A(S)**. No plural o possessivo ocorre geralmente posposto ao substantivo como em “o funcionário **seus** faltou”. O quadro a seguir exhibe padrões pronominais que são usuais no PBPOP falado em SJC-SP:

PARADIGMA PRONOMINAL DE SEGUNDA PESSOA (SINGULAR E PLURAL)

Quadro (01): Uso exclusivo dos pronomes **VOCÊ** e **VOCÊS** (sujeito, complemento e possessivo determinante).

NOVO PARADIGMA PRONOMINAL DE SEGUNDA PESSOA	SUJEITO	ACUSATIVO	DATIVO	OBLÍQUOS	POSSESSIVOS
SINGULAR	VOCÊ	TE~VOCÊ	TE~PRA VOCÊ	COM VOCÊ, EM VOCÊ ...	SEU/SUA
PLURAL	VOCÊS	VOCÊS	PRA VOCÊS	COM VOCÊS, EM VOCÊS ...	SEUS/SUAS

Nota-se que a variação de formas está presente na língua dos falantes do PB. Na língua popular baiana, por exemplo, Mendes (2014) encontrou pronomes tônicos que se manifestam na posição de objeto, principalmente na primeira pessoa do singular (leva *eu*), flexionando o caso nessa posição. Essas manifestações também ocorrem em SJC-SP e isto quer dizer que o português popular falado pode estar se transformando em *uma sintaxe de objeto tônico* (eu, ele, nós, a gente, você(s)). Estudiosos como Mattoso Câmara entre outros trabalhos mais recentes apontaram a tendência de o pronome *eu/a* serem usados como acusativo no PB¹⁰ (MATTOSO CÂMARA, 1998) e, assim, os clíticos *o/a* na língua popular não são manifestados, falantes cultos tendem a usá-los em situações formais, caso contrário preferem o uso do vazio “*viØ*” (DUARTE, 1989).

¹⁰ O clítico *me* quase não ocorre na fala de populares de SJC-SP. Há o uso de construções do tipo: “*eu se viro*” é uma evidência que *a sintaxe de objeto* em variedades populares é *mista*, ora OV ora VO quando há significado reflexivo. Em construções como “*me leva x leva eu*”; “*te levo x levo você*”; “*leva nós/a gente*”; *leva eles*” o uso dos tônicos é mais evidente, flagrante nas ruas da cidade em questão. O uso de redobro pronominal como “*eu nem te vi você atrás de mim, moça*” pode ser outra evidência que o *você* esteja penetrando, aos poucos, em ambientes sintáticos menos transparentes e ocupados por *te*, movimentando *a sintaxe de objeto* para usos pronominais tônicos, ou seja, um movimento que acontece da esquerda (OV) para a direita do verbo (VO) (GIVÓN, 2012).

Quanto ao sujeito pronominal P2, **você** é pronome exclusivo de segunda pessoa do singular na cidade de SJC-SP, assim como na capital paulista (NASCIMENTO, 2011), ele aceita ser acompanhado por **te~você~pra você** e possessivos determinantes variáveis: **seu/a~teu/a**¹¹, exibindo também empregos com nomes ou outras formas como **o/a senhora**, apontando para o ouvinte (P2). Conseqüentemente, **você**, como forma neutralizada, combina com outros pronomes (*tu; ele/a(s); nós, a gente e SNs*¹²). A neutralidade verbal [Ø] associada às formas *você(s)* atrai combinações tanto possessivas **seu/a~teu/a** quanto completivas como **lhe(s), te**, a depender de diferenças diatópicas, diastráticas e situações discursivo-pragmáticas, aspectos linguísticos e sociais também trabalhados pela Dialetologia Pluridimensional como já mencionado.

Esses fatos linguísticos mostram a tendência de aparecerem novidades quando *mudanças de baixo para cima* ocorrem conforme Labov (1994). Essas mudanças estão ligadas inicialmente à fala vernacular representando a motivação de fatores internos da língua que se manifestam na língua popular. Assim, quando tônicos são usados na função de objeto e oblíquo, por exemplo, “levo você”, “ligo pra você”, se nenhum fator social foi relevante para explicar a mudança linguística na Comunidade de Fala estudada, fatores internos ao sistema devem estar atuando para que a mudança linguística ocorra. Nesse sentido, Labov (2010) destaca que em línguas que perderam itens linguísticos importantes “mecanismos de reparo” aparecem. Assim, perdas de itens como *tu, ti, contigo* fazem o sistema operar com “mecanismos de reparo”/novidades linguísticas como *você/sujeito*, preposição + *você* (*falo com você* amanhã; gosto de *você*; saudades de *você*), informações linguísticas categóricas em algumas Comunidades de Fala brasileiras conforme os padrões encontrados na fala popular em SJC-SP (SILVA, 2015).

Historicamente, a pronome **você** pode ser entendido como *uma mudança vinda de cima para baixo* nos termos de Labov (1994), pois a realeza portuguesa utilizava a fórmula de tratamento [Vossa Mercê] para tratar o rei, a seguir seus iguais linguísticos e

¹¹ O item *vocês* não possui forma clítica no português popular corroborando para uma sintaxe de *objeto preenchida por tônicos* como em “eu falei pra *vocês*”; “eu levo *vocês*”, conforme ocorre na variedade culta do PB falado.

¹² SNs – sintagmas nominais.

sociais e depois a construção tomou o gosto popular com reduções fonético-fonológicas até chegar ao emprego do **você**. Processos de gramaticalização atuaram até que da fórmula [Vossa Mercê] se reduzisse a **você**, entre outras reduções como **ocê** e **cê** (LOPES E MACHADO, 2006). No entanto, há a retenção do clítico **te** e o uso dos possessivos **teu/a** como “sobreviventes” do antigo paradigma pronominal P2 – série tu – diminuindo o leque de pronomes (especializações/obrigatoriedade) como ocorre na cidade de SJC-SP na língua popular. Sob esse viés de percepção da língua, Givón (2012) alerta para as construções “mistras”. Elas são processos a serem entendidos se estágios anteriores da língua estudada forem observados, por isso, estudos diacrônicos são importantes para o entendimento do uso do clítico **te** junto dos possessivos **teu/tua~seu/sua** combinados aos usos do **você**. No que tange à referencialidade, ela não é afetada mesmo que as combinações pronominais sejam “mesclativas/combinatórias” porque não modificam o significado. Essas formas “mesclativas/combinatórias” como, por exemplo, “**a senhora** tem o cartão? Deixa que eu **te** ajudo”¹³ apontam para o ouvinte (P2) porque o traço de pessoa é [-eu] (LOPES E RUMEU, 2007).

4. CONSTITUIÇÃO DAS AMOSTRAS – proposta de como demarcar áreas sociais e linguísticas objetivando coletar dados da segunda pessoa do singular na fala popular de SJC-SP

A metodologia utilizada para entrevistar 72 falantes, oriundos ou não da cidade de São José dos Campos-SP, foi a metodologia da Sociolinguística Laboviana e metateoria de Moreno Fernandes (2012). Embora no meu trabalho de doutoramento (2015) eu não tenha utilizado das noções da Dialetologia Pluridimensional, para este artigo, essas noções fizeram-se necessárias em razão da proposta de mapeamento apresentada nesta seção.

Para a constituição das três amostras de fala popular, gravei conversas face a face representativas do discurso cotidiano desses falantes. Objetivei mensurar níveis de

¹³ Dado ouvido em uma agência bancária da cidade (agente bancário ao ajudar uma senhora/cliente do banco).



formalidade em esferas sociais e observar o emprego de formas ligadas às séries **TU** e **VOCÊ**. O primeiro grupo de populares abordado foi coletado em locais nos quais há grandes áreas a serem limpas e mantidas por trabalhadores braçais. Uma dessas áreas é um dos *campi* universitários federais, local no qual foram colhidas falas de populares concentrados na **Amostra Universidade e Escolas**. Como nessas áreas há o desenvolvimento do conhecimento humano e formação de pessoas, o nível [+formal] caracterizou esses populares. Os locais para gravar as conversas foram *calçadas, áreas verdes, refeitórios, vestiários e áreas de convivência* que esses trabalhadores frequentam. Previamente, agendei dia e horário com supervisores responsáveis pelos grupos de manutenção e limpeza dessas áreas de ensino.

As ESSDs foram assim chamadas pelo fato de, eu, documentadora, participar dos diálogos com intervenções a fim de movimentar as conversas entre *um, dois, três ou quatro* interactantes na cena interlocutiva. Essas entrevistas ocorreram em horários de intervalo do trabalho como hora do almoço, antes da entrada ao trabalho e/ou saída de funcionários e servidores. Exatamente esta situação que modelou as entrevistas com número assimétrico de partícipes.

A segunda coleta de dados ocorreu em áreas diversas cujo predomínio de funções é *limpeza e manutenção*, mas a extensão dos locais a serem limpos é menor, “mais leve”. Assim *prédios da administração pública, bibliotecas, fundações voltadas à cultura e recreação, praças, envolvendo trabalhadores, muitos deles autônomos, como faxineiras, entregadores de gás etc.* fizeram parte desse grupo, denominado de **Amostra Locais Alternativos**, correspondente ao nível [-formal]. A coleta de dados também ocorreu com agendamento de visitas obtidas, previamente pela coordenadora da Biblioteca Pública central Cassiano Ricardo de SJC-SP. Agendei dias e horários com contatos dos grupos responsáveis pela limpeza e manutenção. Desse modo, as ESSDs ocorreram em espaços *verdes, refeitórios, auditórios, salas destinadas para arquivo de documentos e calçadas*. Com o objetivo de conseguir mais dados com essa característica [-formal], entrevistei pessoas moradoras de uma pequena vila, localizada no centro da cidade praticamente, à beira do Rio Paraíba, vila constituída por habitantes de baixa renda e oriundos de toda a parte do país.



A terceira coleta de dados ocorreu dentro de uma empresa beneficiadora de lixo, responsável pela limpeza da cidade (URBAM). Esse grupo de populares foi denominado de Amostra Empresa. O contato foi previamente estabelecido pela coordenadora central da Biblioteca Cassiano Ricardo e depois eu, documentadora, visitei uma das diretoras responsável pelos Pontos de Apoio (PAs) espalhados pela cidade. A coleta de dados ocorreu em três PAs que contêm *refeitórios, escritório, vestiário, áreas externas* para que seus trabalhadores tenham espaços voltados ao convívio e higiene pessoal. Pelo fato de essa empresa coletar lixo e beneficiá-lo, ela recebe visitas de vários grupos sociais que precisam de seus serviços de coleta de lixo, reciclagem etc. Por esse motivo, esse grupo de entrevistados foi classificado como [+/-formal]. Agendei visitas com a coordenadora da área operacional dessa empresa que selecionou garis – agentes ambientais – dispostos a conversar sobre assuntos gerais: *trabalho e renda, educação, saúde, transporte coletivo* etc. Desse modo, realizei as entrevistas com homens e mulheres em horários de intervalo de seus compromissos profissionais, antes e/ou depois da entrada e saída de funcionários dessa empresa em questão.

Abordei **73** falantes, distribuídos em **37** entrevistas realizadas em três amostras de falas populares. A Amostra Universidade e escola [+formal] contém **27** populares entrevistados, a Amostra Locais Alternativos [-formal] **24** falantes entrevistados e **22** entrevistados foram abordados na Amostra Empresa [+/-formal]. Essa divisão por amostra surgiu a partir da leitura de Santos (2012). Essa pesquisadora descreveu o uso de **tu** e **você** na fala carioca, separando os partícipes de sua pesquisa por áreas distintas de concentração como: *Amostra Ambulante, Amostra Advogado* etc. Em razão do caráter “mesclativo social” que a cidade de SJ-SP apresenta por abrigar pessoas de várias partes do país e do mundo, e das oportunidades que se manifestaram a mim para coletar fatos linguísticos P2 “mais espontâneos”, subdividi a quantidade de entrevistados por áreas distintas da cidade porque esses populares se espalham pela urbe por terem vínculos empregatícios e, conseqüentemente, esses populares se deslocam pela cidade até chegarem aos seus locais de trabalho. Além disso, esclareço que esses populares formam redes humanas que deixam o convívio social mais agradável em razão de suas atividades

de limpeza de espaços e embelezamento de zonas públicas. A seguir descrevo as três amostras de fala popular:

Amostra Universidade e Escolas

Ao perceber que em toda a cidade havia grupos responsáveis pela limpeza de parques, áreas verdes, espaço universitários, meu interesse cresceu por entrevistar trabalhadores que cuidassem desta parte do convívio social urbano. Esses trabalhadores braçais se espriam por SJC-SP e convivem com os seus pares por volta de oito horas diárias em seus locais de trabalho, proporcionando um desenho real de práticas linguísticas. Afinal, conhecer como os falantes se tratam em seu cotidiano revela, entre outros aspectos, a habilidade social adquirida através de experiências e convivência com diversas pessoas justamente porque a ação de mobilidade e deslocamento humano exigem contato entre as pessoas que (con)vivem na cidade aqui observada.

Meus primeiros pontos de coleta de dados efetivaram-se dentro de espaços universitários e escolas. Quanto à profissão, as mulheres atuam como *auxiliar de serviço geral* ou *limpeza*; homens como *auxiliar de serviços gerais, manutenção e jardinagem*. Os entrevistados foram divididos da seguinte maneira: *um, dois ou mais entrevistados*, “iguais linguísticos e sociais”. Além disso, como as ESSDs foram coletadas em horários alternativos ao trabalho diário desses populares, alguns desses “iguais linguísticos e sociais” assistiam às cenas interlocutivas como espectadores, tornando o ambiente mais colaborativo e espontâneo como ocorre todos os dias nesses ambientes. A seguir descreverei as características dos partícipes dialogais que compuseram esta pesquisa:

- a) **Prédio universitário:** duas mulheres, idade: 60 e 48 anos. Escolaridade: Ensino Médio completo e Fundamental incompleto, nascidas em São Paulo e São José dos Campos-SP.
- b) **Prédio educacional:** dois homens e uma mulher, idade: 33, 57 e 36 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental completo (homem mais jovem) e incompleto (homem mais velho e mulher). Local de nascimento: Caçapava-SP (homem mais jovem), Ivaiporã-PR (homem mais velho) e Fortaleza-CE (mulher).
- c) **Prédio universitário:** três mulheres, idade: 35, 40 e 47 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto. Nascimento: Salvador- BA, São Luis do Maranhão-MA e Salvador-BA respectivamente.

- d) **Prédio universitário:** três mulheres, idade: 37, 40 e 46 anos. Escolaridade: duas mulheres com Ensino Fundamental incompleto e uma delas com Ensino Médio completo respectivamente. Local de nascimento: Mogi das Cruzes-SP, São José dos Campos-SP e Itajubá-MG.
- e) **Prédio universitário:** duas mulheres, idade: 25 e 54 anos. Escolaridade: Ensino Médio incompleto. Nascimento: Pouso Alegre-MG e São José dos Campos-SP respectivamente.
- f) **Área externa aos prédios universitários (calçadas, áreas verdes):** duas mulheres, idade: 30 e 29 anos. Escolaridade: Fundamental incompleto. Nascimento: São José dos Campos – SP, ambas as entrevistadas.
- g) **Área externa aos prédios universitários (área de convivência):** quatro entrevistados, três homens e uma mulher, idade: 52, 58, 38 anos e 50 respectivamente. Escolaridade: Fundamental incompleto. Local de nascimento: Piquete-SP, São José dos Campos-SP os três homens respectivamente.
- h) **Prédio Universitário (vestiário):** duas mulheres, idade: 37 e 51 anos. Escolaridade: Fundamental incompleto e completo. Nascimento: Brasópolis-MG e Feira de Santana (BA) respectivamente.
- i) **Prédio da Escola Estadual:** duas mulheres, idade: 55 e 49 anos. Escolaridade: Ensino Médio completo e Fundamental incompleto (7ª série) respectivamente. Local de nascimento: ambas nascidas em São José dos Campos-SP. Profissão: agente escolar ou agente de corredor (profissionais que exercem várias funções na escola: limpeza, organização geral, ordem no intervalo das aulas etc).
- j) **Prédio da Escola Estadual:** duas mulheres, idade: 31 e 51. Escolaridade: ambas possuem Ensino Médio completo. Nascimento: Belém do Pará – PA e Cachoeira Paulista-SP respectivamente. Profissão: Merendeiras.
- k) **Área externa aos prédios universitários (área de convivência):** dois homens, idade: 54 e 50 anos. Escolaridade: Fundamental completo. Local de nascimento: Andrelândia- MG e São José dos Campos-SP.

Quadro (02): Quadro com dados sociais dos entrevistados.

FAIXA ETÁRIA	SEXO/QUANTIDADE	ESCOLARIDADE
DE 20 A 36 ANOS	FEMININO 3	ENSINO FUNDAMENTAL
	2	ENSINO MÉDIO
	MASCULINO 1	ENSINO FUNDAMENTAL
	0	ENSINO MÉDIO
DE 37 A 49 ANOS	FEMININO 8	ENSINO FUNDAMENTAL
	1	ENSINO MÉDIO
	MASCULINO 0	ENSINO FUNDAMENTAL
	0	ENSINO MÉDIO



+ DE 49 ANOS	FEMININO 3	ENSINO FUNDAMENTAL
	5	ENSINO MÉDIO
	MASCULINO 4	ENSINO FUNDAMENTAL
	0	ENSINO MÉDIO
TOTAL DE INFORMANTES= 27	22 falantes considerados, 5 falantes excluídos do total	

Obs.: dados sociais dos entrevistados. Amostra Universidade e Escolas [+formal]

O grupo de entrevistados foi composto, em grande parte, por mulheres além da presença da documentadora. Dessa lista de entrevistados, somente em uma das entrevistas houve a presença de quatro interlocutores: uma mulher e três homens. Em outra oportunidade, consegui reunir dois homens. Como a área universitária era muito ampla, os homens ficavam espalhados por campos verdes, dificilmente voltavam ao setor central durante o dia, mas eles retornavam a esse local no horário de saída da empresa, quando, então, marcavam o cartão-ponto, situação que dificultou abordar homens. Já o grupo de mulheres se concentrava diariamente em prédios e salas de aulas, pois sua função era manter limpas sala de aula, corredores, banheiros, vestiários ... facilitando minha ação como documentadora. Em escolas, como são áreas menores, entrevistei quatro mulheres, divididas em duas parceiras dialogais por sessão interlocutiva, já em outra escola profissionalizante reuni dois homens e uma mulher e com audiência de “iguais linguísticos e sociais” (auditório).

Através de uma amiga professora entrevistei quatro merendeiras de escola localizada em um dos bairros nobres da cidade, apesar de essa unidade de ensino estadual atender a uma parcela de pessoas carentes da cidade. Essa escola atende preferencialmente a população de baixa renda que vive de maneira irregular em uma localidade chamada “Banhado”, área central e cartão-postal da cidade. O total de informantes abordados foi de **27** entrevistados, mas somente **22** falantes foram considerados porque emitiram os fatos em estudo, os outros 5 falantes foram excluídos da análise porque não emitiram dados relacionados à segunda pessoa do singular, e, além disso, por causa de timidez e desconfiança falaram pouco ou quase nada.



Amostra Locais Alternativos

O segundo grupo de falantes populares conseguiu através do contato com a coordenadora geral da Biblioteca Pública Central que me indicou os próprios funcionários de limpeza das três bibliotecas situadas em áreas distintas da cidade: área central e dois bairros afastados do centro urbano. Na biblioteca central, reuni duas mulheres e um vigilante (porteiro). Nas bibliotecas situadas em bairros reuni, em uma das entrevistas, duas mulheres e um vigilante; na outra sessão uma mulher e um vigilante.

Além desses informantes, entrevistei também funcionários de alguns departamentos públicos espalhados pela cidade de SJCS-SP. No Parque da Cidade¹⁴, por exemplo, tive a oportunidade de entrevistar dois homens que trabalhavam no arquivo histórico da cidade e outros dois homens responsáveis pela manutenção e limpeza desse parque. Já no prédio da Secretaria de Educação Municipal, localizado no mesmo parque, entrevistei quatro auxiliares de limpeza e manutenção, separados em dupla, constituindo mais duas entrevistas. Assim em uma das entrevistas participaram duas mulheres e em outra, uma mulher e um homem.

Outras entrevistas foram realizadas dentro de outra área pública: Parque Santos Dumont no qual também circulam funcionários do SESC, instituição que realiza muitos eventos culturais. Por conseguinte, entrevistei outras duas auxiliares de limpeza do SESC, funcionárias terceirizadas. Esclareço que essa Amostra Locais Alternativos foi denominado dessa maneira justamente porque esses profissionais ficavam mais livres da presença de chefes e encarregados. Funcionários públicos em geral são menos observados e cobrados por superiores e coordenadores se comparados a outras esferas sociais como *empresas, bancos financeiros, lojas e comércio*, por exemplo. Outras duas entrevistas colhi em áreas externas de prédios públicos como a praça localizada em frente de um dos hospitais da cidade. Devido a essa característica menos “rígida” e pelos ambientes naturais nos quais transitavam populares é que o traço [-formal] foi considerado para esta amostra de fala popular.

¹⁴ Antiga fazenda de produção de laticínios, fora propriedade de Severo Gomes – político.



Abaixo estão relacionadas as ESSDs que realizei com *um, dois, três e quatro* entrevistados:

- a) **Prédio da Secretaria da Educação Municipal:** uma mulher e um homem, idade: 35 e 60 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental e Ensino Médio incompleto entre outros cursos profissionalizantes. Local de Nascimento: São José dos Campos-SP e Rezende – RJ. Profissão: serviço geral.
- b) **Prédio da Secretaria da Educação Municipal:** duas mulheres, idade: 47 e 50 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (6ª série). Nascimento: Altônia-PR e São José dos Campos-SP. Profissão: serviço geral.
- c) **Parque da Cidade (limpeza predial):** dois homens, idade: 65 e 34 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (4ª série) e Ensino Médio completo. Local de nascimento: Sapucaí Mirim-MG e São Paulo-SP. Profissão: serviço geral, motorista.
- d) **Parque da Cidade (arquivo histórico):** dois homens, idade: 32 e 29 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (está cursando a 8ª série) e Ensino Médio incompleto. Nascimento: Santa Izabel – SP e São José dos Campos-SP. Profissão: serviços gerais, arquivistas.
- e) **Biblioteca Municipal Eugênio de Melo (zona leste bem retirada da cidade):** um homem e uma mulher. Idade: 60 e 33. Escolaridade: Superior Incompleto (parou no segundo ano) e Ensino Fundamental completo (8ª série). Nascimento: Bom Jardim de Minas – MG e Caçapava-SP. Profissão do homem: vigilante, da mulher: limpeza geral ou auxiliar de limpeza.
- f) **Biblioteca Municipal Central:** duas mulheres e um homem, idade: 42, 46 e 42 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental (5ª e 8ª séries) e Ensino Médio completo. Local de nascimento: Barbacena-MG, São José dos Campos e São José dos Campos-SP respectivamente. Profissão do homem: porteiro ou vigilante, das duas mulheres: auxiliar de limpeza.
- g) **Biblioteca Jardim das Indústrias:** um homem e duas mulheres, idade: 41, 41 e 63 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (3ª série), Ensino Médio completo tanto o homem (41) quanto a mulher (63). Nascimento: São José dos Campos-SP, Caçapava-SP e Buenópolis-MG respectivamente. Profissões masculinas: porteiro e vigilante; Profissões femininas: limpeza geral ou auxiliar de limpeza¹⁵.
- h) **Área externa a prédios públicos (praça do hospital municipal):** duas mulheres, idade: 41 e 47 anos. Escolaridade: Fundamental completo. Nascimento: São José dos Campos – SP e Natal-RN.

Abaixo descrevo os dados sociais dos entrevistados distribuídos por três faixas etárias e nível escolar conforme sugere a Sociolinguística Variacionista:

¹⁵ Isso não quer dizer que nessas respectivas profissões não haja a inserção do sexo oposto, por exemplo, na profissão pedreiro há mulheres que realizam esse serviço bem como nas funções de porteiro, motorista de ônibus e comandante de aeronaves, por exemplo.

Quadro (03): Quadro com dados sociais dos entrevistados.

FAIXA ETÁRIA	SEXO/QUANTIDADE	ESCOLARIDADE
DE 20 A 36 ANOS	FEMININO 2	Ensino Fundamental
	0	Ensino Médio
	MASCULINO 1	Ensino Fundamental
	1	Ensino Médio
DE 37 A 49 ANOS	FEMININO 6	Ensino Fundamental
	0	Ensino Médio
	MASCULINO 1	Ensino Fundamental
	2	Ensino Médio
DE + 49 ANOS	FEMININO 1	Ensino Fundamental
	1	Ensino Médio
	MASCULINO 1	Ensino Fundamental
	2	Ensino Médio
TOTAL DE ENTREVISTADOS = 18	17 falantes considerados e 1 falante excluído	

Obs: dados sociais dos entrevistados. Amostra Locais Alternativos [-formal]

O total de entrevistados nessas áreas menos formais foi de **18** interactantes, mas **17** falantes foram considerados e apenas um falante foi desconsiderado porque não produziu dados relacionados à segunda pessoa do singular. Para completar o número de entrevistados, consegui outros contatos através da empresa URBAM. Uma das funcionárias me indicou o professor de teatro que trabalha para a Fundação Cassiano Ricardo, localizada no Parque da Cidade. Esse professor me colocou em contato com uma catarinense, oriunda da cidade de Joinville-SC, que se prontificou a me ajudar a escolher pessoas que quisessem participar de “um dedim de prosa” comigo. Consegui entrevistar seis pessoas moradoras da “Comunidade Rodhia”, localizada no bairro Santana, conhecido como bairro dos mineiros. Dos **06** entrevistados, uma falante apenas foi descartada por não produzir dados relativos à segunda pessoa do singular e por ser muito tímida. Assim, os **17** falantes descritos no quadro **14** foram somados aos **05** falantes considerados do quadro **15** (abaixo), totalizando **22** falantes observados.

A seguir listei as entrevistas que coletei em uma comunidade chamada Rodhia com *um* ou *dois* entrevistados junto do quadro social desses populares, participantes livres:

- a) No corredor que dá acesso a várias casinhas: um homem, idade: 55 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (2ª série). Nascimento: São José dos Campos – SP. Profissão: gaseiro ou entregador de gás de cozinha.
- b) Na calçada em frente a sua casa: uma mulher, idade: 42 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (4ª série). Nascimento: São José dos Campos- SP. Profissão: dona de casa, faxineira.
- c) Dentro da casa do casal: um homem e uma mulher, casados, idade: 64 e 61 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (4ª série). Local de Nascimento: São José dos Campos – SP e Barueri-SP. Profissão: Motorista aposentado e dona de casa.
- d) No quintal da casa: duas mulheres, mãe e filha, idade: 47 e 29. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (3ª série) e Ensino Médio completo. Nascimento: Bento do Una–PE e São José dos Campos – SP. Profissão: diarista e dona de casa, ambas.

Quadro (04): Quadro com número de entrevistados e dados sociais.

FAIXA ETÁRIA	SEXO/QUANTIDADE	ESCOLARIDADE
DE 20 a 36 ANOS	FEMININO 1	ENS. FUNDAMENTAL
	0	
	MASCULINO 0	ENS. MÉDIO
	0	ENS. FUNDAMENTAL ENS. MÉDIO
DE 37 a 49 ANOS	FEMININO 2	ENS. FUNDAMENTAL
	0	ENS. MÉDIO
	MASCULINO 0	ENS. FUNDAMENTAL
	0	ENS. MÉDIO
+ DE 49 ANOS	FEMININO 1	ENS. FUNDAMENTAL
	0	ENS. MÉDIO
	MASCULINO 2	ENS. FUNDAMENTAL
	0	ENS. MÉDIO
TOTAL DE ENTREVISTADOS: 06	5 entrevistados considerados	

Obs.: dados sociais dos entrevistados. Amostra Locais Alternativos [-formal]

Amostra Empresa

Esse contato, como todos os outros, conseguiu através da coordenadora da Biblioteca Municipal Central. Esse grupo de falantes foi constituído por entrevistas realizadas antes de esses trabalhadores braçais iniciarem seus afazeres na empresa de limpeza urbana. Após agendar dia e horário, entrevistei pares “iguais linguísticos e sociais” distribuídos em: **a)** duas mulheres; **b)** dois homens; **c)** uma mulher e um homem; **d)** uma mulher e **e)** um homem. O agendamento de dias e horários funcionou da seguinte

maneira: eu avisava o coordenador da equipe, ele selecionava previamente funcionários dispostos a participar da pesquisa. As ESSDs ocorreram em PAs – locais nos quais esses agente ambientais pegavam seus instrumentos de trabalho, utilizavam sanitários, chuveiros e cozinha. Da secretaria geral, a coordenadora geral das equipes desses PAs, selecionava os pontos de apoio para eu visitá-los em horários e dias agendados – todos partícipes livres para a realização dessas interlocuções. Visitei três PAs, dois deles centrais, um localizado em área nobre, bairro Vila Ema, e outro em área popular, bairro Vila Maria, área central da cidade. O outro PA visitado está localizado na zona sul, bairro Bosque dos Eucaliptos, área residencial e comercial.¹⁶ Abaixo listo as entrevistas que realizei dentro da empresa de limpeza URBAM, com *um* ou *dois* entrevistados apenas. Todos os entrevistados são agentes ambientais (garis).¹⁷

- a) **Prédio dentro do complexo de tratamento do lixo:** um homem, idade: 22 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental completo. Nascimento: São José dos Campos-SP.
- b) **Prédio localizado no Bosque dos Eucaliptos (zona sul):** um homem e uma mulher, idade: 40 e 46 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (5ª e 7ª série). Nascimento: São José dos Campos –SP e Vitória da Conquista-BA
- c) **Prédio localizado na Vila Maria (centro):** dois homens, idade: 59 e 67 anos. Ensino Fundamental (4ª série). Nascimento: Carvalho-MG e São José dos Campos-SP
- d) **Prédio localizado na Vila Maria (centro):** dois homens, idade: 30 e 35 anos. Escolaridade: Ensino Médio completo. Nascimento: ambos em São José dos Campos-SP.
- e) **Prédio localizado na Vila Maria (centro):** dois homens, idade: 42 e 45 anos. Escolaridade: Ensino Médio completo. Nascimento: São José dos Campos-SP.
- f) **Prédio localizado na Vila Maria (centro):** duas mulheres, idade: 37 e 52 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (6ª e 5ª séries). Nascimento: São José dos Campos – SP e Paraibuna –SP.
- g) **Prédio localizado na Vila Ema (área nobre):** uma mulher, idade: 39 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental (4ª série). Local de nascimento: São José dos Campos-SP (Banhado)
- h) **Prédio localizado na Vila Ema (área nobre):** um homem, idade: 64 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (4ª série). Local de nascimento: Gonçalves – MG
- i) **Prédio localizado na Vila Ema (área nobre):** um homem e uma mulher, idade: 26 e 32 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (4ª série). Nascimento: Cajazeiros-PB e São José dos Campos-SP
- j) **Prédio localizado na Vila Ema (área nobre):** um homem e uma mulher, idade: 36 e 29 anos. Escolaridade: Ensino Médio completo e Ensino Fundamental incompleto (4ª série). Nascimento: ambos em São José dos Campos – SP.

¹⁶ Entre os moradores antigos da cidade há a ideia que São José dos Campos – SP está dividida em bairros nobres, periféricos, e bairros dos comerciantes e mineiros. Atualmente, há bairros cuja concentração é nordestina, nortista ... SJC-SP atrai pessoas oriundas de vários cantos do país e do mundo, pois a cidade é industrial, voltada para áreas aeroespacial e automobilística.

¹⁷ Outros nomes como margarida, homem do lixo, lixeiro também são termos ainda ouvidos pela cidade, mas entre esses profissionais, o termo comum é *agente ambiental*.

- k) **Prédio localizado na Vila Ema (área nobre):** uma mulher e um homem, idade: 20 e 23 anos. Escolaridade: Ensino Médio incompleto e Ensino Fundamental;
- l) **Prédio localizado na Vila Ema (área nobre):** uma mulher e um homem, idade: 46 e 45 anos. Escolaridade: Ensino Médio completo e Ensino Fundamental (6ª série). Nascimento: ambos em São José dos Campos-SP
- m) **Prédio próximo à escola estadual:** um homem, idade: 45 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental Incompleto (4ª série). Profissão: manutenção predial ou serviços gerais.
- n) **Prédio próximo à escola estadual:** duas mulheres, idade: 40 e 38 anos. Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto (6ª e 5ª séries). Nascimento: Barra Mansa-RJ e Apucarana-PR, mas vida adolescência passada em Conceição do Coité-BA. Profissão: limpeza geral.

A seguir, há o número de entrevistados e dados sociais dos falantes partícipes dialogais dessa presente pesquisa:

Quadro (05): Quadro com número de entrevistados e dados sociais.

FAIXA ETÁRIA	SEXO/QUANTIDADE	ESCOLARIDADE
DE 20 a 36 ANOS	FEMININO 2	ENS. FUNDAMENTAL
	1	ENS. MÉDIO
	MASCULINO 3	ENS. FUNDAMENTAL
	0	ENS. MÉDIO
DE 37 a 49 ANOS	FEMININO 4	ENS. FUNDAMENTAL
	1	ENS. MÉDIO
	MASCULINO 6	ENS. FUNDAMENTAL
	2	ENS. MÉDIO
+ DE 49 ANOS	FEMININO 0	ENS. FUNDAMENTAL
	---	ENS. MÉDIO
	3	ENS. FUNDAMENTAL
	---	ENS. MÉDIO
TOTAL DE ENTREVISTADOS= 22	22 falantes considerados	

Obs.: dados sociais dos entrevistados. Amostra Empresa [+/-formal]

Conforme a descrição dos quadros acima foram entrevistados **73** falantes, divididos em **37** entrevistas, mas desses **73** populares, **66** falantes foram considerados e os outros **07** indivíduos foram eliminados das análises estatísticas por não terem produzido

dados relativos à segunda pessoa do singular e por serem tímidos/desconfiados (comportamento típico mineiro). Assim, como mostram os quadros supracitados, cada comunidade de prática obteve coincidentemente **22** falantes tratados sistematicamente, totalizando **66** populares investigados. Depois que rodadas estatísticas foram efetuadas, falantes que produziram dados categóricos foram eliminados (capítulo 4).

Cabe aqui esclarecer a configuração das entrevistas que coletei nas amostras observadas. A seguir relaciono a quantidade de interactantes por sessões interlocutivas (ESSDs) realizadas:

- a) Documentadora + um entrevistado
- b) Documentadora + uma entrevistada
- c) Documentadora + dois entrevistados (dois homens)
- d) Documentadora + dois entrevistados (uma mulher e um homem)
- e) Documentadora + duas entrevistadas (duas mulheres)
- f) Documentadora + três entrevistados (um homem e duas mulheres)
- g) Documentadora + três entrevistadas (três mulheres)
- h) Documentadora + quatro entrevistados (três homens e uma mulher)
- i) Documentadora + quatro entrevistadas (quatro mulheres)

Os entrevistados nem sempre eram do mesmo *sexo* que eu, documentadora (*mulher*), desse modo, muitas vezes, havia duas entrevistadas ou havia um entrevistado e uma entrevistada, variando, portanto, *o sexo entre os partícipes dialogais*, exceto o meu, já que fui a única documentadora a coletar esses dados de fala. Em razão dessa configuração das entrevistas foi possível mensurar o uso dos pronomes em estudo observando a concentração ou não do mesmo sexo entre entrevistados. Além disso, esclareço que nos ambientes de coleta de dados, algumas vezes havia a presença de outros “iguais linguísticos e sociais” não participantes das cenas interlocutivas; eles marcavam presença como espectadores das cenas e tornavam o ambiente mais colaborativo para o desenvolver das ESSDs. Assim, as ESSDs, como descreve Moreno Fernández (2012), foram concebidas como cenários discursivos formados por esquemas de percepção nos quais falantes e ouvintes interagiram e se perceberam simultaneamente mantendo focos de atenção. Esses focos de atenção variam em função de três aspectos importantes: **a)** a distribuição dos participantes nos momentos interativos e empatia entre os partícipes da interação; **b)** envolvimento pelos temas conversacionais e **c)** assimetria social entre



documentador e entrevistado(s) quase não era percebida justamente porque havia empatia, respeito e cumplicidade entre as partes dialogais.¹⁸

CONCLUSÃO

Este artigo, sob os prismas da Sociolinguística e da Dialetologia Pluridimensional, mostrou a variação da segunda pessoa do singular P2 existente na cidade de SJC-SP em três espaços distintos, recortados em área central/popular, área nobre e área mista. O padrão pronominal na fala popular dessa cidade é o uso de formas novas e velhas. Enquanto o sujeito **VOCÊ** e o possessivo **SEU** são formas privilegiadas (série **VOCÊ**), o clítico **TE** [OV]¹⁹ ainda é retido como forma velha (série TU), representando o paradigma pronominal antigo do PB. Já o possessivo **teu/a** é uso pouco frequente na cidade em questão. Os usos mostram que o paradigma P2 em SJC-SP na fala popular, apesar de conservar formas antigas, avança para o uso da forma nova **VOCÊ** corroborando o uso de pronomes tônicos (todas as pessoas gramaticais leva eu, leva nós, pego você, quero ele/s) em espaços antes dominados por formas antigas do paradigma pronominal brasileiro (SILVA, 2015).

Além disso, o artigo propôs a iniciativa de demarcar falantes espalhados pela cidade de SJC-SP e abordados conforme esquemas conversacionais empáticos, situação que aproximou os partícipes dialogais facilitando o uso dos pronomes P2 nas cenas interlocutivas, compostas por *um, dois, três* ou *quatro entrevistados*, que falaram sobre diversos temas (educação, saúde, transporte coletivo, trabalho e renda ...). Desse modo, esse trabalho contribui para o enriquecimento de discussões sobre “o caos linguístico” e valoriza o falante popular como agente provocador de mudanças linguísticas em

¹⁸ Além das falas gravadas, exemplos de fala foram colhidos pela cidade, formando uma amostra complementar de fatos linguísticos que serviram para perceber se os dados linguísticos coletados nas entrevistas seriam similares aos fatos que ouvi em ruas, bares, padarias e parques de SJC-SP. Segundo Labov ([1972] 2008, p.246), dados da “Amostra de Controle” são “observações assistemáticas” que podem ser anotados pelo pesquisador de modo aleatório. Isto quer dizer que fatos ouvidos em ruas, restaurantes, ônibus etc. podem formar observações sobre a língua em uso em determinado local.

¹⁹ TE [OV] te levo – clítico anteposto ao verbo – forma velha; VOCÊ [VO] levo você; pronome posposto ao verbo – forma nova.



espaços sociais diversos a serem mapeados sob as orientações da Sociolinguística e da Dialetologia Pluridimensional.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A. *Dialectologia e ensino de língua materna*. In.: **Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua**. GORSKI, E.M.; COELHO, I. L. (Orgs.). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006, p. 82-107.
- _____. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. **Alfa**, São Paulo, 2012 56(3), p. 855-870.
- DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In.: TARALLO, F. (Org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Pontes Editora, 1989, p.19-34.
- GIVÓN, T. **A compreensão da gramática**. Trad. CUNHA, M. A. F. da; MARTELOTTA, E.; ALBANI, F. São Paulo: Cortez; Natal, RN: EDUFRN, 2012.
- GUY, G. R. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. In.: **Abralin**, 2001. Disponível em: http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf. Acesso em maio 2011
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. BAGNO, M.; SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, C. R.. São Paulo: Parábola Ed., [1972] 2008.
- _____. **Principles of linguistics change**. V.1: Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994.
- _____. **Principles of linguistic change**. Vol III. Cognitive and Cultural Factors. Chichester: Wiley-Blackwell, 2010.
- LOPES, C. R.; RUMEU, M. C. de B. “**O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos**”. In.: descrição, história e aquisição do português brasileiro. 1ª ed. São Paulo/Campinas: FAPESP/Pontes Editores, 2007, v.1, 419-436.
- _____; MACHADO, A. C. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In.: LOPES, Celia Regina dos Santos. (Org.). **A norma brasileira em construção**. Fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), FAPERJ, 2006, p. 45-66.
- _____; CAVALCANTE, S. R. O. A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você – sujeito e retenção do clítico-te. In.: **Revista Linguística**. Vol. 25,



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos - NUPESDD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 7 • Número 20 • Novembro/Fevereiro 2017

junho de 2011:30-65. Acesso em 13-02-2012:
http://www.linguisticalfal.org/25_linguistica_030_065.pdf

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Sociolinguística cognitiva**. Propositiones, escolios y debates. Iberoamericana/Vervuert, 2012.

NASCIMENTO, I. B. **O uso variável do pronome de segunda pessoa você(s) na cidade de São Paulo**. Dissertação de mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2011.

SILVA, I. **Em terras de você o natural é misturar pronomes de segunda pessoa do singular – estudo dos pronomes tu e você no Português Popular do Brasil**. Tese de doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2015.

Recebido Para Publicação em 30 de novembro de 2016.

Aprovado Para Publicação em 18 de março de 2017.